



# VOZ DA FÁTIMA

A Igreja, em razão da sua missão e competência, não pode confundir-se de modo nenhum com a comunidade política nem está ligada a nenhum sistema político; ela é, ao mesmo tempo, sinal e salvaguarda da dignidade da pessoa humana. No terreno que lhe é próprio, a comunidade política e a Igreja são independentes e autónomas. Mas ambas, embora a títulos diferentes, estão ao serviço da vocação pessoal e social dos mesmos homens. — PAULO VI.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar  
Propriedade e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182  
Redacção e impressão: «Gráfica de Leiria» — Telefone 22336

ANO LIII N.º 633  
13 DE JUNHO DE 1975  
MENSÁRIO Preço: 1500

Avença

## O que foi a Peregrinação de Maio

CONSTITUIU um grandioso espectáculo de fé e vivência cristã a grandiosa peregrinação de 12 e 13 de Maio na qual participaram centenas de milhares de peregrinos de Portugal e de vários países da América e da Europa.

Presidiu às cerimónias o cardeal Francisco König, arcebispo de Viena da Áustria, e participaram os cardeais D. António Ribeiro, Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, resignatário de Lisboa, e quase todos os arcebispos e bispos de Portugal e ainda o bispo eleito de Cabo Verde, D. Paulino Évora.

Estiveram presentes peregrinações da Bélgica, França, Áustria, Alemanha, Nicarágua, Holanda, Espanha, Itália, Canadá, Inglaterra, México e um grupo de 128 peregrinos da Colômbia com o bispo de Santa Rosa de Ossos.

No dia 12 efectuou-se a via-sacra aos Valinhos com partida da capela das aparições, missa às 17 h celebrada por Mons. António Antunes Borges e a cerimónia da abertura oficial da peregrinação realizada na capela das aparições, às 19 h. O sr. Bispo de Leiria proferiu nessa altura uma saudação a S. E. o cardeal-arcebispo de Viena, a quem confiou a presidência das cerimónias. Respondeu S. Em.º o Cardeal que manifestou o seu regozijo por estar na Fátima, e deu a primeira bênção a todos os peregrinos.

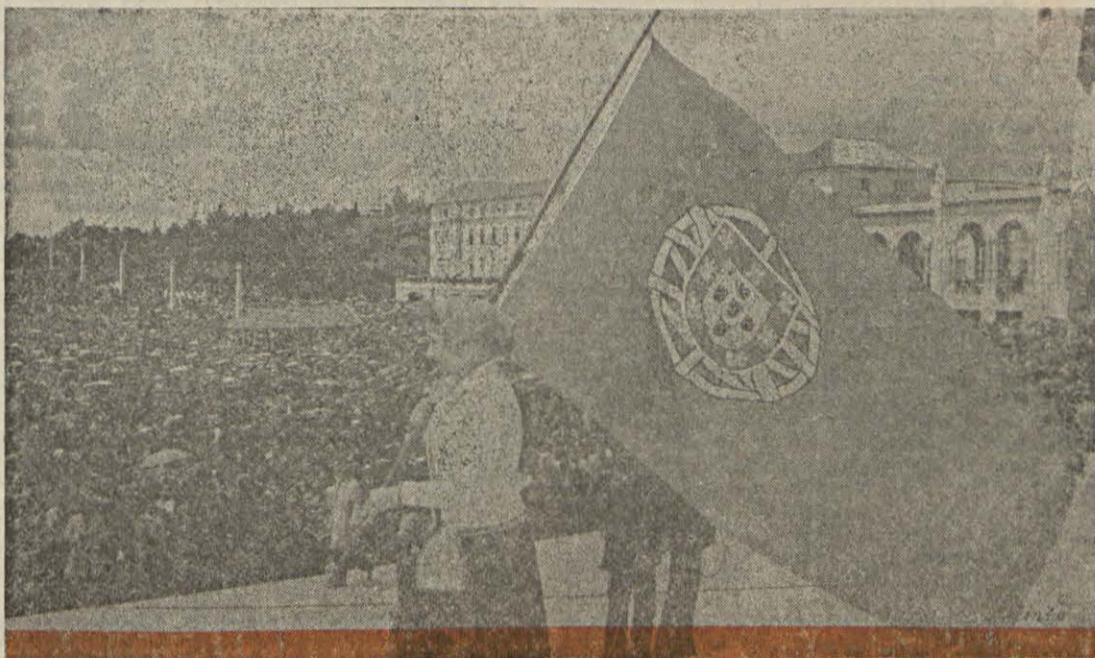
Às 22 h, realizou-se a procissão das velas com a imagem de Nossa Senhora, e às 22.30 houve uma concelebração presidida pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa com a participação de muitos Prelados e sacerdotes.

A velada nocturna começou à meia-noite com via-sacra, seguindo-se a exposição do SS.º Sacramento, a celebração mariana na capelinha às 4 h, colóquio das 4 às 5 sobre a celebração para a conversão, às 5 missa celebrada pelo sr. bispo de Portalegre e às 6 h procissão eucarística. Todas estas cerimónias estiveram a cargo da Congregação do Espírito Santo e em especial confiadas ao P. José Felício, director da Liga da Acção Missionária.

No dia 13, às 7.30, efectuou-se a celebração do rosário com meditações pelo P. David de Azevedo, franciscano. Rezou-se o terço.

Às 10 h, efectuou-se o cortejo com a imagem de Nossa Senhora para o altar da escadaria. Presidiu o sr. cardeal-arcebispo de Viena e tomaram parte os cardeais, arcebispos e bispos e ainda o Nuncio Apostólico. A imagem de Nossa Senhora foi conduzida por cadetes da Academia e Colégio Militar. Os doentes assistiram a estes actos na colunata. Os peregrinos estrangeiros na outra colunata.

Seguiu-se a concelebração da Eucaristia presidida pelo cardeal Francisco König e a parti-



FÁTIMA, 13 de Maio de 1975 — Aspecto da multidão que canta e reza pelas necessidades de toda a humanidade, particularmente pelas necessidades da Família Portuguesa.

cipação de todos os cardeais, arcebispos e bispos e Nuncio Apostólico e cerca de 240 sacerdotes.

Depois das leituras, o cardeal-arcebispo proferiu a homilia, parte em alemão e parte em português. Foi um sacerdote que a leu em português aos peregrinos.

Antes do ofertório, o reitor do Santuário dirigiu-se aos peregrinos anunciando que ia ser feita uma colecta para a constituição dum Fundo de Caridade com o intuito de ajudar a resolver a construção de casas para famílias necessitadas, apelando para a generosidade de todos. Imediatamente colocaram-se no recinto cerca de duas centenas de sacerdotes, religiosas e servitas que, de sacos na mão, recolheram os donativos dos peregrinos.

O apelo do sr. reitor foi secundado pelo P. José Vicente Martins, pároco de S. João Evangelista, da cidade de Lisboa, que tem na sua área o bairro da Currealeira onde vivem milhares de pessoas em barracas, nas quais há poucos meses se deu um incêndio em que se perderam vidas e 300 famílias ficaram sem abrigo.

Os sacerdotes conduziram ao altar as ofertas, que totalizaram 475 contos, enquanto eram entoados cânticos e recitadas as orações próprias do momento litúrgico, nas línguas portuguesa, francesa, alemã, inglesa, italiana, espanhola, húngara e eslava.

Na altura própria receberam a sagrada comunhão 25.000 peregrinos. As comunhões desta missa e das outras concelebrações durante a peregrinação totalizaram cerca de 50.000.

O sr. cardeal-arcebispo de Viena da Áustria

deu a bênção eucarística a duas centenas e meia de doentes, entre os quais alguns estrangeiros.

Logo a seguir a este comvente acto que foi transmitido, como as restantes cerimónias, pela televisão, o sr. Bispo de Aveiro, na qualidade de presidente da Conferência Episcopal, leu a renovação da consagração de Portugal ao Imaculado Coração de Maria, no que foi seguido pelos cardeais, arcebispos e bispos, sacerdotes, todos os peregrinos.

As cerimónias terminaram com a impressionante procissão do adeus. A imagem de Nossa Senhora voltou a ser conduzida pelos cadetes da Escola do Exército e servitas, por entre o acenar de centenas de milhares de lenços brancos e os cânticos comoventes dos peregrinos.

No intuito de tornar menos difícil a peregrinação de tantos milhares de pessoas que fazem a viagem à Fátima, a pé, a reitoria do Santuário, com a colaboração dum grupo de religiosas e noviços e estudantes de alguns seminários da Fátima, organizou um serviço de acolhimento a estes peregrinos, proporcionando-lhes dormida nas casas religiosas e seminários, gratuita, em esteiras e cobertores. O serviço de acolhimento conseguiu alojar cerca de 12.500 peregrinos, verificando, no entanto, que são necessários muitos lugares, para evitar que os peregrinos, cansados e doridos dos pés, se instalem e durmam entre as alamedas do recinto. É uma iniciativa de largo alcance caritativo e social que se torna necessário vá por diante. Espera-se que sim, por amor dos peregrinos menos favorecidos de condições económicas.

# Homilia do Cardeal König na Fátima



**A**LEGRA-ME poder viver hoje convosco este grande dia, a mim que, como arcebispo de Viena, venho da fronteira da cortina de ferro. Para todos trago as saudações dos católicos do meu país, a Áustria, os quais hoje estão convosco em pensamento e em oração. Estive há pouco com o Santo Padre, em Roma, e contei-lhe que o cardeal, os bispos de Portugal me tinham convidado para celebrar com eles o dia 13 de Maio em Fátima. O Papa Paulo VI ficou emocionado claramente ao recordar-se da sua própria grande peregrinação a este Santuário, há oito anos. Pediu-me que transmitisse as suas saudações e os seus votos de bênçãos ao episcopado português e a todos os bispos, padres e fiéis que vêm em peregrinação à Fátima nesta hora festiva. Unidos em pensamento ao Santo Padre, queremos hoje rezar com a Mãe da Igreja pela renovação da Igreja no sentido do II Concílio do Vaticano — para que a Igreja seja sal da terra e luz do mundo.

Na hora da morte, Jesus entregou Sua Mãe ao apóstolo S. João, o discípulo amado — «eis a tua Mãe» — como acabamos de ouvir no Evangelho. Por isso, a Mãe do Senhor, Virgem das dores provada na fé, tem, desde o princípio, um lugar especial na Igreja de seu Filho. Pela sua fé e pelo seu amor, está ligada à obra de seu Filho, como rainha dos apóstolos, auxílio dos cristãos, mãe da Igreja. A devoção à Mãe de Deus é, por este motivo, um caminho directo e seguro para a fé em Cristo. É o que nos mostra a história da Igreja no Oriente e no Ocidente, é o que a história da Fátima e as grandes multidões de peregrinos aqui documentam perante o mundo inteiro.

Os perigos do exterior, pressão e perseguição, podem trazer à Igreja graves prejuízos. Mas as fraquezas e os erros de dentro ainda a prejudicam mais: tibieza, indiferença, crítica sem fé nem amor à Igreja, o cansaço dos bons e a asfixia do bem-estar material, a falta duma juventude que não é capaz de tomar nenhum grande compromisso por Deus e pelos homens. Mas, se o sal perde a força, só serve para ser pisado por quem passa, cheio de desdém.

As forças de que a Igreja precisa para a renovação são simples, mas eficazes. Na Mensagem da Fátima estão resumidas em poucas palavras: oração, obras de penitência, coragem para o sacrifício pessoal e a renúncia, espírito de reconciliação e serviço à paz.

O Santo Padre proclamou um Ano Santo com esta palavra de ordem a toda a Igreja: estai preparados para a reconciliação, sede anunciadores e instrumentos da reconciliação com Deus. O 13 de Maio da Fátima deve estar comandado pela palavra de ordem da reconciliação.

O próprio Deus nos oferece a reconciliação em Jesus Cristo.

Para anunciar a reconciliação ao mundo e realizar a reconciliação no mundo precisamos da Igreja, mais do que nunca. O homem desenvolveu as forças deste mundo e tornou-se poderoso como nunca. Isso trouxe consigo ódio e violência, terror e opressão. Hoje mais do que nunca precisamos de energias para conter as forças do mal. É bom termos a técnica. Mas precisamos, hoje, das forças e das capacidades do espírito para dominar esta técnica. De contrário, ela esmaga-nos. Precisamos, hoje, de gigantes do amor e da reconciliação; de contrário, amanhã, a energia atómica poderá reduzir-nos a pó. Os jovens odiarão os pais que estiverem na origem desta vida: uma vida sem amor, sem coração, sem reconciliação nem paz, porque lhes demos pedras em vez de pão. Sob a curva dos crimes e com ela sobe o desespero. Quanto mais crescem as forças exteriores do homem, tanto mais têm de crescer as suas forças interiores. Quando mais crescem ódio e discórdia, quanto mais impera a turbulência, tanto mais tem de haver homens que criem reconciliação e paz. Por isso precisamos da Igreja como

nunca. Como cresceram as forças externas do homem, como aumentam a falta de paz e os perigos de guerra, por isso precisamos como nunca da Igreja, como mensageira e como lugar de reconciliação.

O grande mistério que Deus é Amor e nos concede reconciliação deve ver-se e apalpar-se nesta Igreja. Jesus mostrou-nos que o poder não está na espada: «Mete a espada na bainha, pois quem puxa da espada virá a morrer pela espada» (Mt. 26, 22).

Jesus mostrou que o único poder motor de vida é a reconciliação e o amor. Este amor parece muitas vezes impotente, jaz prostrado por terra como Jesus no monte das Oliveiras. Não é um poder tirânico mas um poder servidor. «O Filho do Homem não veio para ser servido mas para servir» (Mt. 20, 28). Na Igreja tem de se experimentar que o poder consiste no amor e no espírito, e não nos batalhões e nos canhões. Cristo diz-nos: «Sabei que os chefes das nações as governam como seus senhores e os grandes lhes fazem sentir o seu poder. Entre vós não deve ser assim» (Mt. 20, 25).

Nos homens da Igreja tem de se poder experimentar que o Reino de Deus é uma vida eterna. Isto mostra-se quando tais homens sabem arriscar a sua vida e empenhar-se por coisas grandes. Não têm medo nenhum de perder a vida, porque possuem uma vida que não se pode perder. Tais homens estão dispostos a ser grão de trigo que cai à terra e morre, mas assim dá fruto a cem por um. Quando se vêem tais homens na Igreja tem de se concluir: agora compreendo que existe vida eterna.

Nos homens da Igreja tem de se perceber a essência do amor e da reconciliação: amar quer dizer dar, dar-se, entregar-se, estar à disposição dos outros, servir, trabalhar pelos outros, cuidar dos outros. Ainda que alguém se torne pobre com isso, pobre de tempo livre, pobre de dinheiro, porque carregou às próprias costas o peso das preocupações e as necessidades dos outros.

A Igreja tem de ser encarnação do Reino de Deus, e de se tornar amor visível.

A Igreja frequentemente é alvo do fogo das opiniões. Isso de maneira nenhuma é de espantar. Pois também Cristo foi rejeitado e crucificado. A verdade é realmente difícil de suportar. É bom sinal para a Igreja, se ela é rejeitada por tocar no cerne da verdade, como o Senhor, por colocar o homem perante a opção e por ser, em bom sentido, o contraponto deste mundo.

Todavia, não se aceita a Igreja por razões muito diferentes, precisamente quando se quer adaptar

aos homens e lhes tornar a vida mais fácil. Um pensador ateu dos nossos dias, Milan Madovec, disse: Muitas vezes a Igreja não é rejeitada por ser cristã mas por ser pouquíssimo cristã. Porque guarda muito pouco a fidelidade à verdade de Cristo e se deixa influenciar demais pelo pensamento do mundo, pensa Madovec.

Hoje o mundo delira, por exemplo, com a inteligência e com a ciência. Alguns querem pôr hoje na Igreja todas as suas esperanças na inteligência e na ciência. Mas a ciência não é a língua materna própria da Igreja! A língua materna propriíssima da Igreja é a oração.

Pois o homem não reconhece o seu Deus só com a cabeça. O homem reconhece o que ultrapassa as coisas da terra com o coração, com a consciência, com as profundezas da alma. O homem que estuda, reza e concilia está no centro da Igreja.

Se a Igreja não faz mais que adaptar-se ao mundo, torna-se tão banal que já ninguém lhe presta atenção. Mas compreendo que a Igreja tenha hoje dificuldade, por exemplo, em falar do mal, do mal pessoal, do pecado até à morte. Pois quem quer hoje admitir o mal, quem é que quer ouvir falar do pecado, que conduz à morte? Quem é que quer hoje reconhecer que o mal da humanidade precipita este mundo na desgraça? Os homens preferem enterrar a cabeça na areia. Preferem dar ouvidos a esses falsos profetas que estão inchados de optimismo e prometem um futuro risonho.

Se a Igreja fala aos homens só com a boca, os homens não tomam a Igreja a sério e deixam-na. Pois os homens conhecem muito bem o mal no seu íntimo. Também a Igreja dos nossos dias será mais fortemente ouvida, se chamar este mal pessoal pelo seu nome.

Hoje como nunca precisamos dessa Igreja que encarna a força criadora do amor e o poder da reconciliação que funda a paz. Amor é fermento que faz crescer e forma toda a vida, diz Jesus. Hoje, mais do que nunca, precisamos dessa Igreja como fermento do mundo, que conduza os homens à experiência da consciência, à experiência do amor e da reconciliação, à experiência do dever interior, à força da entrega, da liberdade, da dignidade humana, da comunhão.

Se precisamos da Igreja?! Como nunca. Pois também o homem está como nunca. Mas terá de ser também uma Igreja, como nunca. Agradecerão a esta Igreja, como nunca. Amarão esta Igreja, como nunca. Esta Igreja será senhora do mundo como nunca, porque é força de Deus e sinal de reconciliação, como nunca.

Que a Mensagem da Fátima seja para nós um estímulo, e que a Mãe da Igreja seja o modelo para construir uma tal Igreja como sinal e instrumento de reconciliação neste mundo, ainda carecido de paz e cheio de tensões sociais e políticas.

## CARTA AOS JOVENS

### Os que vêm e os que não vêm

Amigo:

Deixa-me que recorde dois factos da minha infância, que talvez possam elucidar o que pretendo dizer. Ambos se relacionam com as aparições de Fátima.

Segundo se lê em todos os autores que estudaram com seriedade as aparições de Fátima e segundo o depoimento de pessoas ainda vivas, deu-se, em Outubro de 1917, na Cova da Iria, um fenómeno extraordinário, vulgarmente conhecido por «Milagre do Sol».

Não vou descrevê-lo, porque se pode ler em qualquer livro sério sobre Fátima, como disse. Apenas queria recordar isto: Quando era menino e moço, ouvi certo indivíduo, que esteve na Cova da Iria quando se deu o facto, a dizer que nada viu, talvez por não estar na amizade de Deus. E dizia isto com lealdade, sem menosprezar o acontecimento.

De maneira diferente ouvi falar outra pessoa. O que viu e ouviu sobre o estranho fenómeno é o que se lê na história de Fátima. Não sei quem era melhor diante de Deus. Somente Ele conhece as pessoas no seu íntimo. Acredito na sinceridade de quem nada viu como na de quem «viu tudo». Apenas desejava salientar a «mensagem» que podemos descobrir na atitude destas duas personagens. Podíamos ouvir, através dela, as palavras de Jesus: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus».

Não podemos duvidar das palavras de Jesus nem referi-las somente à bem-aventurança celeste. Elas confirmam que os corações corrompidos, atulhados de interesses egoístas, não conseguem passar além do que é puramente material. Não conseguem «ver» nem «ouvir» Deus, mesmo que a Sua voz nos pareça gritar através dos acontecimentos e da natureza que nos rodeia. (Trata-se duma visão especial, e por isso usei aspas. Não é privilégio de alguns, pois Deus nunca se esconde de quem sinceramente o procura).

Bom jovem: Não deixes estragar o teu coração e verás «reflexos» de Deus, mesmo em coisas muito simples. — Prepara o teu futuro. Se desejas alguma orientação, mormente vocacional, escreve-me para: Hospital Infantil — Montemor-o-Novo.

Com a amizade de sempre, NUNO FILIPE

# Vida do Santuário

## FALECEU O PRIMEIRO GUARDIÃO DA CAPELA DAS APARIÇÕES

Faleceu no Santuário, no dia 6 de Abril, às 8 h, o sr. João Carreira, de 74 anos, filho da sr.ª Maria dos Santos e do sr. Manuel Carreira, já falecidos. Era natural da Moita Redonda, lugar que fica a pouca distância da Cova da Iria.

O sr. João Carreira, conhecido dos peregrinos pelo «ti João da Capelinha», estava ao serviço do Santuário desde 1926 e foi o primeiro encarregado da capela das aparições, codjuvando sua mãe, a conhecida «Maria da Capelinha», no arranjo e limpeza desta, durante os primeiros tempos da Fátima, e na recolha e contagem das esmolas ali depositadas pelos fiéis.

Seu pai foi o primeiro encarregado das obras do Santuário.

O sr. João Carreira era aleijado das duas pernas, desde os 8 anos. A sua cura chegou a ser pedida pela Lúcia a Nossa Senhora durante a aparição de 13 de Julho. Consta que Nossa Senhora terá dito à Lúcia que o não curaria, mas que ele haveria de encontrar meio de poder ganhar a sua vida, por meio de trabalho compatível com a sua deficiência física. Com efeito, além de ajudar sua mãe no zelo da capelinha das aparições, o sr. João da Capelinha foi o primeiro apontador dos operários e empregado na venda de garrações, velas e artigos religiosos, durante muitos anos, por conta do Santuário.

Há anos que, não podendo trabalhar, reside no Hospital aos cuidados das servas de Nossa Senhora da Fátima.

Dotado de espírito muito simples, procurava atender todos os peregrinos com a maior delicadeza e bondade, vivendo modestamente e estimado dos reitores e colaboradores do Santuário.

Tinha 3 irmãs, Maria, Júlia e Carolina dos Santos, a primeira a viver na Cova da Iria e as outras na Moita Redonda.

O funeral efectuou-se no dia 7, com a ce-

lebração de missa do corpo presente na Basílica do Santuário, sob a presidência do Sr. Bispo de Leiria e a participação de vários sacerdotes, entre os quais o Reitor Dr. Luciano P. Guerra, e o Cônego Amílcar Fontes e Mons. Borges, antigos reitores do Santuário, empregados, servitas e muitas pessoas.

Ao dobre a finados dos sinos da Basílica, a urna foi conduzida para o cemitério da sede da freguesia da Fátima.

## COMEMORAÇÃO DA MORTE DE FRANCISCO MARTO

No dia 4 de Abril, foi comemorado o 56.º aniversário da morte do pastorinho Francisco Marto, o vidente de Nossa Senhora cujo processo de beatificação está a correr no Tribunal Eclesiástico de Leiria.

A comemoração constou de missa celebrada sob a presidência do sr. D. Alberto Cosme do Amaral e a participação de vários sacerdotes, entre os quais o postulador das causas da beatificação dos videntes, homilia sobre as virtudes do vidente cujos exemplos foram apontados a todos, nomeadamente às crianças das escolas e colégios da Cova da Iria que assistiram.

## MILHARES DE PEREGRINOS TOMARAM PARTE NA PEREGRINAÇÃO DE 13 DE ABRIL

Sob a presidência do sr. Bispo de Leiria, efectuou-se a peregrinação mensal com a participação de muitos milhares de peregrinos de diversos pontos do país e alguns estrangeiros.

Como preparação para a missa, houve a procissão com a imagem de Nossa Senhora levada aos ombros de servitas. Incorporaram-se o sr. Bispo, sacerdotes, religiosos e muitos fiéis. Durante o trajecto, rezou-se o terço intercalado de meditações apropriadas pelo P. José Morais, da Congregação dos Padres Marianos da Fátima.

O sr. D. Alberto Cosme do Amaral presidiu à concelebração de 10 sacerdotes. Ao evangelho fez a homilia o P. Morais.

Ao ofertório faz-se um peditério entre os peregrinos para as famílias vítimas do incêndio das barracas do bairro da Curraleira de Lisboa. Este peditério secundou o apelo dirigido a todas as paróquias e comunidades cristãs, no sentido de se fazer deste domingo, dia 13, uma jornada colectiva de solidariedade e de caridade cristã para com as famílias atingidas pelo incêndio. Os servitas percorreram o recinto a recolher as ofertas que foram depositadas junto do altar, para serem entregues ao pároco da igreja de S. João Evangelista, da cidade de Lisboa.

Depois da comunhão, o sr. Bispo deu a bênção do Santíssimo Sacramento aos doentes e a todos os peregrinos.

## OBJECTOS ENCONTRADOS NO SANTUÁRIO

### NO MÊS DE FEVEREIRO

2 guarda-chuvas de homem, 1 cachecol de senhora, 1 Terço, 1 fio de prata, e algum dinheiro.

### NO MÊS DE MARÇO

2 guarda-chuvas de homem, 1 guarda-chuva de senhora, 1 bolsa com uns óculos, 1 chaveiro com uma chave, 1 Terço, 1 brinco de ouro.

## Um Museu de Etnografia Regional na Fátima

A Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Fátima (SETIMA) apresentou um projecto na Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém para a criação em Aljustrel (lugar onde nasceram Lúcia, Jacinta e Francisco — os pastorinhos das aparições da Fátima) dum Museu de Etnografia Regional.

Na casa que já foi adquirida e que vai ser restaurada na sua traça antiga, respeitando as divisões, o forno de cozer pão, o lagar das uvas e a adega, assim como os currais do gado, serão expostos os trajes, objectos de cozinha, alfaias agrícolas, objectos de adorno e de devoção, relativos à época de 1890 a 1930, em que viveram os intervenientes da história da Fátima.

A iniciativa teve já a aprovação da Câmara e da Comissão Regional de Turismo de Leiria, esperando-se que, dentro de pouco tempo, esteja aberta ao público que vem à Fátima e visita os locais onde nasceram e viveram os pais e os videntes da Fátima.

## ESCOLAS CATÓLICAS NO MUNDO

O 4.º Anuário estatístico da Igreja, há pouco editado, revela que são mais de 29.500.000 alunos, do ensino primário e médio, a cargo da Igreja em todo o mundo.

Considerando a distribuição por continentes, o maior número de alunos das classes elementares cabe à África, com mais de 5.800.000, ensinados em 27.637 escolas. Segue-se-lhe a Europa, onde a Igreja educa mais de 4.000.000, em 24.673

escolas. Depois temos a Ásia, com 3.300.000 alunos em 12.348 escolas. Na América Latina, atinge-se o número de 3.700.000, em 13.400 escolas; enquanto a América do Norte regista um número sensivelmente igual ao anterior, em 10.600 escolas. Em último lugar, vem a Oceania, com 500.000 alunos, ensinados em 3.000 escolas.

No que toca a escolas médias, inferiores e superiores, a ordem é diferente, cabendo o primeiro lugar à Europa com 2.700.000 jovens, distribuídos por 10.794 Institutos. Segue-se-lhe a América latina com 1.500.000, em 6.487 escolas; a Ásia, com 2.500.000, em 5.679 escolas; a América do Norte, com 1.200.000, em 2.238 escolas; a África, com 600.000, em 2.693 escolas; e a Oceania, com 210.000 alunos, em 720 escolas.

Ao nível universitário, o Anuário regista 760.000 alunos, em todos os continentes, distribuídos pelas diversas categorias do ensino superior.

A propósito do ensino católico, o Papa afirmou, recentemente:

«Com os seus milhões de alunos, o ensino católico presta, nos nossos dias, serviços bastante originais, a tal ponto que, aos olhos de todos e especialmente aos olhos dos cristãos, se viesse a desaparecer seria uma perda imensa».

E continuando, Paulo VI justifica a sua afirmação, dizendo:

«Numa época como esta, em que o humanismo científico ameaça criar um vazio espiritual, a finalidade do ensino católico deve ser mantida com uma vigilância incessante. Este ensino é um serviço prestado à educação dos jovens, em toda a dimensão deste termo, tendo presente bem entendido que a Fé dá uma iluminação decisiva a esta dimensão». — E.

## Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa

Está a despertar grande interesse a Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa a efectuar no Santuário da Fátima durante o mês de Agosto.

Estão já inscritos coleccionadores, escultores, editores de medalhas, e aguardam-se outras inscrições que poderão ser enviadas até ao fim de Junho para o Santuário da Fátima.

Sendo uma Exposição para assinalar a ocorrência do ANO SANTO, bom seria que todas as dioceses se fizessem representar, pois sabemos que muitas possuem medalhas comemorativas, algumas até de edições próprias.

A exposição terá a finalidade de divulgar a arte medalhística e, por isso, ali estarão expostos os desenhos dos artistas, os cunhos donde saem gravadas as medalhas.

No local haverá uma sala para convívio dos estudiosos e dos que desejem ilustrar-se sobre factos que as medalhas comemoram, através de livros, fotografias e outros elementos artísticos.

Conforme foi já anunciado, será posta à venda nessa altura a MEDALHA DO ANO SANTO, a comemorar esta ocorrência e a Exposição. Será posto ainda ao público, nessa altura, um livro-álbum com a reprodução das mais belas medalhas destes últimos anos, sendo algumas reproduções a cores.

No Santuário da Fátima aceitam-se inscrições tanto para a medalha como para o livro-álbum.

## Selos do Ano Santo

No dia 13 de Maio, entrou em circulação uma emissão de selos de Portugal comemorativa do Ano Santo de 1975. Feliz iniciativa que se deve, segundo cremos, a um pedido, nesse sentido, do sr. Bispo de Leiria.

O desenho destes selos é do artista Querubim Lapa e inclui motivos relacionados com a Fátima.

A propósito desta emissão o sr. D. Alberto escreveu o seguinte:

Proclamando o Ano Santo de 1975, Paulo VI dirige-se a todos os homens de boa vontade. O binómio *Renovação e Reconciliação* interpela a Humanidade inteira. É sempre possível ser melhor, transformar o nosso mundo interior, subir mais um degrau na escala do aperfeiçoamento pessoal.

O Ano Santo é fonte de inquietação salutar, é um toque de clarim para os sonolentos e os tibios. Cada membro da família humana deve interpelar-se a si próprio: Que mais posso fazer? Que mais posso ser? É a renovação interior, condição indispensável para outras renovações.

É inútil mudar estruturas se os homens não se transformam. Deitar vinho novo em odres velhos é perder vinho e odres. A imagem é evangélica! Homens novos, pelo espírito, pelo coração, pela justiça, pelo amor. Homens novos que vivem face a Deus dia a dia, hora a hora, mendigos da Sua bondade, da Sua Verdade, da Sua beleza, da Sua perfeição infinita.

Homens novos que reconhecem em Cristo o protótipo da Humanidade, mas também o Filho de Deus, e Deus como o Pai, nosso amigo, nosso irmão, que trilhou os nossos caminhos, que entrou na nossa história, na história de todos os homens, para a todos comunicar o Amor Infinito de Deus Pai.

A renovação leva à reconciliação com Deus, em Cristo, que é, Ele mesmo, a nossa paz, a reconciliação. Então os homens sentir-se-ão irmãos e amigos. Não mais a inveja, o desprezo ou simples desconhecimento, não mais as rivalidades entre indivíduos, grupos ou nações, não mais o ódio e a guerra, mas o amor, a presença, a comunhão, a abertura, a solidariedade de todos os homens entre si. E surgirá a família universal do amor, sem distinção de raças e culturas, ou partidos, ou fronteiras, ou religião. Não mais o homem lobo do homem, mas o homem que se prodigaliza sem reserva, em dádiva total aos outros homens principalmente aos mais carecidos no corpo ou no espírito.

Renovação e reconciliação condicionam-se mutuamente. Só aquele que ama verdadeiramente participa da eterna juventude de Deus, e bebe sofredamente no rio da vida plena, da vida sobre-abundante que Cristo veio trazer aos homens, a todos os homens.

† Alberto Cosme do Amaral

Presidente da Comissão Nacional do Ano Santo

# OS LEITORES CONVERSAM CONNOSCO

COMO ERA DE PREVER, os últimos números da Voz da Fátima trouxeram até nós uma correspondência abundante. De uns lados pediram-nos mais jornais, o que nos obrigou a fazer uma segunda edição; de outros lados vieram-nos os jornais devolvidos, até sem indicação nenhuma de quem os devolveu...; alguns amigos enviaram donativos e outros exprimem discordâncias.

Temos consciência de que não somos infalíveis e esforçamo-nos por não tratar mal ninguém. Continuamos, portanto, abertos ao diálogo. Fátima deve permanecer um santuário de reconciliação, apesar do carácter necessariamente «polémico» de certos temas fazer dela também um lugar (ou um sinal) de contradição. Vamos responder a dois leitores que discordam de nós.

1 «SE O COMUNISMO MANDA NO NOSSO PAÍS, DE QUEM FOI A CULPA?» Esta é a primeira duma série de sete perguntas que nos manda J. M. P., da Madeira. Revelando que se serviu do jornal da sua irmã e que já não é «como ela, fanaticamente católico», o leitor mostra-se irritado com o nosso número de Março porque «só falava em política, em perseguição comunista, etc». Vêm a seguir as sete perguntas, encaçadas pela que aproveitámos para título. Com bastante simplicidade, vamos dar-lhe a nossa opinião sobre cada um dos seus pontos de interrogação. Mas antes, eis as seis perguntas que faltam:

Segunda: «As nações latinas no desespero voltam-se para o comunismo, porquê?»

Terceira: «Quem foi que aguentou a cabeça desta vaquinha para ser cangada por o fascismo?»

Quarta: «E acaso não tem sido a nossa religião um puro fascismo, escravaturismo, obscurantismo, etc, etc. etc.»

Quinta: «E então, já que me fala de diálogo agora, porque não são sinceros e não dizem ao povo o que foi a perseguição aos judeus em Portugal?»

Sexta: «Além dos nossos camponeses já estarem tão amedrontados, ainda lhes ameaçam outra vez a perseguição comunista?»

Sétima: «Depois de Constantino que fizeram do cristianismo?»

A NOSSA RESPOSTA é a seguinte:

À primeira pergunta diríamos que, se o Comunismo manda no nosso país, a culpa é de todos nós, mas sobretudo dos grandes capitalistas e dos comunistas todos. Isto para simplificar, já que o problema das culpas, em qualquer desgraça de alcance tão vasto como o comunismo, é um problema muito intrincado. Mas sempre lhe direi, amigo, que, na opinião de muita gente, as razões principais de o comunismo mandar em Portugal (a afirmação é sua) está talvez no temperamento de certos capitalistas e de certos comunistas. Temperamentos desequilibrados, já que o capitalismo e o comunismo são dois sistemas desequilibrados.

À segunda pergunta tenho dificuldade em responder, porque não estamos certos de que a América Latina se volte para o comunismo. Estamos certos de que os comunistas dizem isso, mas lá está o problema do temperamento, que leva um homem a pensar que tem consigo o povo todo, quando a contagem dos votos não dá mais do que insignificante percentagem. Ou o prezado amigo, que diz não ser comunista, estará convencido de que «se o comunismo manda no nosso país» é porque o país se voltou para o comunismo?! Muito longe disso!

À terceira pergunta também não podemos responder como parece esperar o leitor. Na nossa opinião, «quem aguentou a cabeça desta vaquinha para ser cangada por o fascismo» foi aquela inumerável multidão de portugueses que aguentou na sua carne (melhor dito, no seu estômago) e na sua alma, uma série de asneiras e fanatismos dos caciques, e também de um certo povo, da Primeira República. Quem não conhece bêbados que equilibram, com o «jejum» de meses, os excessos de alguns dias?

À quarta pergunta responderemos que não, senhor, a nossa religião não tem sido um «puro obscurantismo». E uma das provas irrefutáveis é que ainda hoje as primeiras escolas dos matos africanos, quem as funda e quem as aguenta são os missionários. Aliás, foi assim também na Europa. E se Carlos Marx queria provar que a fonte da luz era o marxismo, porque não resolveu ele nascer ao menos no tempo de Cristo? Claro que a Igreja, por ser composta de homens, e por os homens terem todos uma tendência para tapar os olhos ao parceiro, também passa pela tentação do obscurantismo. Mas quem cede mais à tentação são naturalmente os «filhos das trevas»...

À quinta pergunta responderemos que não dizemos ao povo o que foi a perseguição aos judeus por várias razões — e uma delas é que águas passadas não movem moinhos. Aliás, de quem se queixam mais os judeus actualmente?

À sexta pergunta responderemos que não ameaçamos os camponeses com a perseguição comunista. A nossa intenção foi informar os leitores da Voz da Fátima sobre o tratamento dado à religião nos países comunistas. E temos mesmo de continuar, enquanto nos for permitido, porque a experiência mostra que os comunistas não conseguem ser sinceros nesta questão; ora, como, no dizer de alguns partidos políticos, eles é que têm o domínio dos principais meios de comunicação social, temos de aproveitar bem estas quatro páginas mensais, enquanto for possível.

A sétima pergunta do nosso leitor revela que ele se deixou impressionar por uma opinião ultimamente muito difundida entre nós, para desacreditar a Igreja Católica. Quer o leitor saber o que fizeram do Cristianismo depois do Imperador Constantino, portanto, desde o ano 325 da nossa era? É muito simples. Tanto depois como antes, fizeram-lhe mil tropelias, daquelas que ainda hoje todos nós, os cristãos, católicos e não católicos, lhe fazemos. Mas uma coisa nos parece certa: os que fizeram menos tropelias ao cristianismo foram aqueles que, pela sua palavra e pela sua acção, mais se ESFORÇARAM por permanecer fiéis a Jesus Cristo. E esses foram sempre os que se acharam menos fiéis e se confessaram mais pecadores.

Meu irmão leitor! Desculpe que estranhe muito ter começado a sua carta comparando-se com sua irmã para se gloriar de que não é «como ela, fanaticamente católico» e que «cada vez sou mais cristão e menos católico». A Igreja Católica tem dois mil anos (ou terá só 1.700, se nasceu com Constantino). Parece-me muito difícil que Cristo a tenha abandonado durante todos estes tempos, para a vir agora desmascarar com a «pureza» de cristãos cujas «confissões» se parecem muito mais com a do fariseu, do que com a do publicano, do Evangelho. Desculpe, se o firo.

2 SOBRE A MISSA DA RÁDIO RENASCENÇA escreve-nos A. P. S., de Lisboa:

«Católico praticante, progressista e amante da verdade» vem «protestar energicamente» pela forma como publicámos, em Abril, a local com o título acima. A sua razão de «pasm» está em que, na sua opinião, «num jornal católico (o nosso) se esconde e deturpa intencionalmente a Verdade!»

Como é que o leitor de Lisboa adivinhou a nossa

intenção de esconder e deturpar a verdade? Através de uma omissão. É que nós não respondemos a duas perguntas que ele nos faz e que, pelos vistos, tínhamos obrigação de ter adivinhado.

Eis as perguntas:

«Porque não se informou a autora da encantadora carta (uma doente de Soure) que transcrevem, que os trabalhadores da Rádio Renascença sempre quiseram fazer a transmissão da Missa e do Terço e foram sempre impedidos de o fazer? Porque não se disse à autora da encantadora carta, que esse impedimento era única e exclusivamente devido à Hierarquia, que assim o ordenava?»

Na esperança de que sejamos ilibados dessa acusação grave de escondermos e deturparmos intencionalmente a verdade, aqui fica a nossa resposta, que valerá também para a nossa irmã de Soure, no caso de ela nos ter julgado tão severamente.

A primeira pergunta. É de facto verdade, muitas vezes repetida aos microfones da Rádio Renascença, que os trabalhadores da R. R. sempre quiseram transmitir a Missa (e o Terço). Mas estamos certos de que a autora da encantadora carta de Soure ainda há-de ter nos ouvidos a matraqueação roufenha das gravações — resposta que a Rádio Renascença transmitiu (nem sempre com licença dos autores) para lhes comunicar que a culpa de não terem a Missa e o terço vinha doutros, que não de lá!

A segunda pergunta é mais complexa. De facto, e já que se trata de matéria de opinião, diremos que, ao que nos pareceu sempre, a «culpa» não foi só da hierarquia, e nem só das igrejas que se recusaram a transmitir, mas também, e sobretudo, dos trabalhadores da R. R.. Vistas bem as coisas, sempre do nosso lado, claro está, o querer transmitir a Missa e o terço era a mesma coisa que pedir ao Episcopado emprestasse a sua mão para que a R. R. lhe pregasse uma valente bofetada. Ora ninguém poderá exigir dos bispos tanta virtude. Sobre tudo se pensarmos que, na opinião dos bispos, o que estava em causa não era a integridade da sua própria face, mas o direito da Igreja (que não existe sem hierarquia) a dispor livremente de uma emissora que lhe pertence. Aliás, o problema de fundo era então — e é ainda hoje — muito mais vasto, como se tem verificado pelas vicissitudes de vários jornais, nomeadamente as daquele vespertino lisboeta que, sem ser nada suspeito de reacção, tem as suas portas seladas, no momento em que escrevemos.

Prezado leitor! De acordo consigo, quando escreve que «da ocultação da verdade estamos todos fartíssimos!». É oxalá daqui a algum tempo, mas ainda a tempo, os católicos praticantes que, como o senhor, classificam pasmadamente de «farisaicas» certas atitudes do Episcopado, acabem também por se fartar da sua própria ingenuidade. (Será a nossa acusação mais grave do que a sua?).

## A Igreja e os latifúndios

«Em muitas regiões economicamente menos desenvolvidas, existem extensíssimas propriedades rurais, mediocrementemente cultivadas, ou reservadas para fins de especulação, enquanto a maior parte da população carece de terras ou possui só parcelas irrisórias, e, por outro lado, o desenvolvimento da produção agrícola apresenta-se com um carácter de urgência evidente. Não raras vezes, aqueles que trabalham por conta dos senhores ou cultivam uma parte dos seus bens a título de arrendamento, recebem um salário ou retribuição indigna dum homem, não têm habitação decente e são explorados pelos intermediários. Vivendo na maior insegurança, é tal a sua dependência pessoal, que lhes tira toda a possibilidade de agir espontaneamente e com responsabilidade, e toda a promoção cultural, e toda a participação na vida social e política. Portanto, são necessárias reformas nos vários casos: aumentar as remunerações, melhorar as condições de trabalho, aumentar a segurança no emprego, estimular a iniciativa no trabalho, e, portanto, distribuir as propriedades insuficientemente cultivadas por aqueles que as possam tornar rendosas. Neste caso, devem assegurar-se-lhes os recursos e os instrumentos indispensáveis, particularmente os meios de educação e as possibilidades duma justa organização cooperativista. Contudo, sempre que o bem comum exija a expropriação, deve avaliar-se, segundo a equidade, a indemnização, tendo-se em conta todas as circunstâncias.»

(PAULO VI, Constituição Apostólica sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo)